
A prática do psicólogo no esporte adaptado: um estudo de caso

*Mikael Almeida Corrêa,
Betina Vidal Damasceno,
Luciana Karine de Souza,
Cleonice Alves Bosa*

Resumo

O esporte adaptado é um contexto de desenvolvimento e inclusão social, permitindo às pessoas com deficiência um maior acesso aos esportes. É importante entender o processo de treinamento e a prática dos profissionais de Psicologia neste campo ainda emergente. Este artigo tem como objetivo: (1) investigar a prática do psicólogo em esportes adaptados para pessoas com deficiência; e (2) construir uma matriz de categorias e subcategorias com base na literatura científica e nos dados da entrevista. O entrevistado é psicólogo, com cerca de 10 anos de experiência em Psicologia do Esporte, e trabalha com esportes adaptados para atletas com deficiência em um clube esportivo no Brasil. Foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada. A entrevista foi gravada e transcrita para posterior análise de conteúdo, usando a teoria da aprendizagem social de Bandura como base teórica. A partir dos dados, foram identificadas quatro categorias (Carreira, Crescimento do campo, Desempenho profissional e Expectativas) e doze subcategorias. O roteiro da entrevista permitiu a coleta de dados que embasam e ampliam resultados da literatura, focados principalmente na trajetória profissional do psicólogo do esporte.

Palavras-chave: Psicologia do esporte, Pessoa com deficiência, Esporte adaptado, Paradesporto.

Psychologist practice in adapted sport: a case study

Mikael Almeida Corrêa, Betina Vidal Damasceno, Luciana Karine de Souza, Cleonice Alves Bosa

Abstract

Adapted sports and physical activities constitute contexts of development and social inclusion, allowing a greater access to sports for people with disabilities. It is important to understand the process of training and practice of Psychology professionals in this still emerging field of action. This paper aims to: (1) investigate the practice of psychologists in adapted sports for people with disabilities; and (2) build a matrix of categories and subcategories based on the scientific literature and interview data. The interviewee is a psychologist, with about 10 years of experience in Sport Psychology, and works with adapted sports for athletes with disabilities in a sports club in Brazil. A semi-structured interview script was used. The interview was recorded and transcribed for later content analysis, using Bandura's social learning theory as a theoretical reference. From the data, four categories were identified (Career pathway, Field growth, Professional performance and Expectations) and twelve subcategories. The interview script allowed the collection of data that support and extend the results of the literature, focusing mainly on the professional pathway of the sports psychologist.

Keywords: Sports Psychology, People with disabilities, Adapted sport, Paradesport.

Práctica del psicólogo en el deporte adaptado: un estudio de caso

Mikael Almeida Corrêa, Betina Vidal Damasceno, Luciana Karine de Souza, Cleonice Alves Bosa

Resumen

El deporte y la actividad física adaptada constituyen contextos de desarrollo e inclusión social, permitiendo a las personas con discapacidad un mayor acceso al deporte. Es importante comprender el proceso de formación y práctica de los profesionales de la Psicología en este contexto de acción que aún está surgiendo. Este artículo tiene como objetivo: (1) investigar la práctica de psicólogos en deportes adaptados para personas con discapacidad; y (2) construir una matriz de categorías y subcategorías basadas en la literatura científica y los datos de la entrevista. La entrevistada es psicóloga, tiene cerca de 10 años de experiencia en psicología del deporte y trabaja con el deporte adaptado para atletas con discapacidades en un club deportivo en Brasil. Se utilizó un guión de entrevista semi-estructurado, que fue grabado y transcrito para su posterior análisis de contenido, teniendo como referencia teórica la teoría del aprendizaje social de Bandura. A partir de los datos, se identificaron cuatro categorías (Trayectoria profesional, Crecimiento del área, Desempeño profesional y Expectativas) y doce subcategorías. El guión de la entrevista permitió la recopilación de datos que respaldan y amplían los resultados de la literatura, centrándose principalmente en la trayectoria profesional del psicólogo deportivo.

Palabras-clave: Psicología del deporte, Personas con discapacidad, Deporte adaptado, Paradesporto.

Introdução

O esporte adaptado (EA), por vezes referido como paradesporto ou esporte paralímpico, corresponde tanto a adaptações estruturais em esportes convencionais (por meio da modificação de regras, locais, quadras, materiais), como a criação de novas modalidades desportivas dedicadas especialmente às pessoas com deficiência (Côté-Leclerc et al., 2017). Desde seu surgimento e consolidação após a Segunda Guerra Mundial, a meta principal do EA é a democratização da prática desportiva para pessoas com deficiência (Oliveira, Gonçalves, & Seabra, 2017).

Segundo a Cartilha do Censo 2010 - Pessoa com Deficiência, há cerca de 46,5 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência (visual, auditiva, motora ou intelectual), ou seja, 23,9% da população (Brasil, 2012). São muitos os problemas de convívio social enfrentados por essas pessoas. Nas últimas décadas, o movimento social de pessoas com deficiência, em conjunto com pesquisadores de distintas áreas do conhecimento, tem destacado as barreiras físicas e sociais à experiência da deficiência (Bampi, Guilhem, & Alves, 2010; França, 2013; Haiachi, 2017).

Aliada a essas barreiras, há a persistência de um modelo biomédico, por muito tempo vigente, que trata a deficiência estritamente como um fenômeno físico, biológico, desconectado da vida social. Ainda que a deficiência seja resultado de uma doença ou lesão no corpo, incapacitando o desempenho de diversas atividades cotidianas dentro da normalidade, ela gera, de fato, importantes desvantagens à participação social (França, 2013).

Segundo o Relatório Mundial Sobre a Deficiência, "a transição de uma perspectiva individual e médica para uma perspectiva estrutural e social foi descrita como a mudança de um 'modelo médico' para um 'modelo social'" (Organização Mundial da Saúde – OMS, 2011, p. 4). Dessa forma, amplia-se seu entendimento, sendo necessário, para tanto, intervir na sociedade (Bampi et al., 2010; França, 2013; Sehn, 2018). Por outro lado, apesar das barreiras impostas pela sociedade, deve-se considerar as limitações orgânicas que a pessoa com deficiência vivencia (França, 2013; OMS, 2011). Conclui-se que uma perspectiva biopsicossocial contribui para a formulação de políticas públicas, representando um grande avanço à compreensão da deficiência e do processo de inclusão social (Andrade, Almeida, Andrade, & Monteiro, 2014; Bampi et al., 2010; França, 2013; Gesser et al., 2012; Haiachi, 2017; Kiuppis, 2018; ONU, 2018; Sehn, 2018).

No que diz respeito à participação social da pessoa com deficiência no contexto do esporte, a prática paradesportiva pode contribuir para a qualidade de vida de diferentes formas: promovendo a inclusão, o sentimento de pertencimento e a conquista de espaço na sociedade; desconstruindo estigmas sociais e reduzindo a discriminação; auxiliando no reconhecimento do próprio potencial e no senso de independência; mudando positivamente o autoconceito e a autoeficácia; evitando o isolamento social e aproximando da vida em comunidade; diminuindo o estresse; melhorando o humor; fomentando a empatia; e colaborando para o desenvolvimento saudável da coordenação motora e dos sistemas musculoesquelético e cardiovascular (Barrozo et al., 2012; OMS, 2011; Pancotto, 2016; Silva et al., 2013).

Côté-Leclerc et al. (2017), por exemplo, compararam a qualidade de vida de pessoas cadeirantes (com paraplegia) que praticavam EA com a de

pessoas da população em geral, sem deficiência, praticantes e não praticantes de esporte no Canadá. A qualidade de vida foi avaliada por meio da Quality of Life Index, que apresenta as dimensões: saúde; socioeconômica; psicológica e espiritual; e familiar/social (Ferrans & Powers, 2007). Os participantes do estudo praticavam EA, de forma competitiva, com ao menos um treino por semana durante um período mínimo de quatro meses antes do momento do estudo. Os autores demonstraram que os cadeirantes possuem índices de qualidade de vida e bastante semelhante à dos participantes sem deficiência. Segundo o estudo, os benefícios do EA na qualidade de vida operam por fatores pessoais (p. ex., desenvolvimento de habilidades e maior atenção à saúde), sociais (maior interação social) e ambientais (maior apoio do meio).

Por outro lado, foram identificados prejuízos ao convívio familiar de alguns cadeirantes, atribuídos à necessidade de maior dedicação a treinos e competições. Fatores ambientais, como a falta de recursos financeiros e de acessibilidade, também prejudicaram a qualidade de vida desses indivíduos (Côté-Leclerc et al., 2017). Há dados que indicam, inclusive, que essa população apresenta alarmantes índices de sedentarismo e maior risco de desenvolver doenças crônicas não transmissíveis (Andrade, 2015; Jung, Kalinoski, & Marques, 2017; Marmeleira, Fernandes, Ribeiro, Teixeira, & Gutierrez, 2018; Seron, Arruda, & Greguol, 2015).

Outros dois estudos recentes trazem evidências sobre os impactos de determinados obstáculos à prática do paradesporto e do exercício físico. O estudo de Jung et al. (2017) identificou a superproteção dos pais, atribuída à falta de conhecimento sobre o tema, como uma das principais barreiras. Esses pais entendem, p. ex., que seria mais seguro que o(a) filho(a) não se envolvesse com exercícios. O estudo foi realizado com os responsáveis por 1191 pessoas com deficiência intelectual, maiores de seis anos de idade, frequentadoras da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de todo o estado do Rio Grande do Sul. Já Marmeleira et al. (2018) analisaram as barreiras enfrentadas por 114 pessoas do Distrito Federal com deficiência visual e consideradas pouco ativas. As principais barreiras ambientais também diziam respeito a questões de falta de acessibilidade: má conservação das calçadas, dificuldades de locomoção e ausência de instalações apropriadas.

A partir de tais evidências, considera-se que o EA é um campo bastante frutífero para a inserção do profissional da psicologia. Portanto, cabe trazer a perspectiva de como um profissional da área consegue lidar com as demandas da sua atuação, mesmo em um cenário de escasso em referências e formação específica. Hanrahan (2007) destaca que, no final da década de 1980, pesquisadores e profissionais já discutiam o fato de que pessoas e atletas com deficiência eram negligenciados nos estudos da PEE. Muitos autores destacam, também, quão essencial ao psicólogo é o conhecimento de aspectos inerentes à experiência da deficiência (Cogan & Petrie, 2011; Hanrahan, 2007, 2015; Martin, 2005; Samulski & Noce, 2002; Silva et al., 2013).

Silva et al. (2013) referem três dimensões para a intervenção do psicólogo no EA: (1) autoconsciência, envolvendo emoções, autoconhecimento e psicoeducação; (2) motivação, abrangendo o processo de inclusão e o sentimento de pertencimento social; e (3) avaliação psicológica, estabelecendo melhor diálogo entre comissão técnica e paratleta, visando

treinamentos mais assertivos e afinados à singularidade da pessoa com deficiência. Além disso, o psicólogo precisa conhecer a origem da deficiência (congenita ou adquirida – e em qual etapa do desenvolvimento foi adquirida), o que requer constantes capacitações profissionais (Silva et al., 2013). Na visão de Hanrahan (2015), são mínimas as alterações necessárias no conteúdo de programas de treinamento de habilidades psicológicas quando se trabalha com atletas com deficiências físicas, intelectuais ou sensoriais.

Nessa direção, é crucial a compreensão dos fundamentos teóricos que auxiliam a explicar o papel do desenvolvimento psicossocial no desempenho do atleta com deficiência. A teoria sociocognitiva de Albert Bandura pode auxiliar nessa compreensão. Essa teoria é uma das principais abordagens utilizadas no trabalho em PEE, o que pode ser observado nas publicações da área (Weinberg & Gould, 2017). A partir da perspectiva de Bandura, entende-se que o desenvolvimento humano é constituído através de uma complexa interação entre fatores pessoais (características individuais e aspectos cognitivos), comportamentais (ações observáveis dos indivíduos) e do meio social (convenções e modelos de comportamento), processo denominado de determinismo recíproco. A partir de tal interação, as informações e estímulos do ambiente servem como forma de os indivíduos medirem as próprias ações. Isso envolve o processo de modelagem, isto é, quando modelos de comportamentos são internalizados com base no comportamento observado em pessoas próximas ou influentes, em diferentes contextos de vida (Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008). Assim, por meio do processo de modelagem, os indivíduos são capazes de aprender novos comportamentos ou habilidades através da observação dos outros; em outras palavras, desenvolvem aprendizagem por observação (ou aprendizagem vicária) (Pervin & John, 2004).

Outro aspecto primordial da teoria sociocognitiva de Bandura é o conceito de autoeficácia, que consiste na crença da pessoa sobre sua capacidade de realizar determinadas tarefas de forma bem-sucedida, visando um determinado resultado (Bandura et al., 2008). A autoeficácia exerce influência na escolha de atividades, no esforço que será investido e no grau de persistência frente às adversidades. Consequentemente, ela afeta o nível de motivação ou de ansiedade em face de tarefas e desafios relacionados ao desempenho de qualquer (para)atleta. Portanto, uma das razões para a teoria de Bandura, atualmente, mostrar-se bastante difundida no campo da PEE, diz respeito ao fato de seus conceitos contribuírem para a compreensão e o estudo dos constructos relacionados ao desempenho desportivo.

Como argumentado, o EA é capaz de contribuir para a percepção e o desenvolvimento da autonomia de pessoas com deficiência. A autonomia, na teoria de Bandura, está associada ao conceito de agência humana: o indivíduo é considerado um agente que exerce influência sobre os ambientes nos quais se insere, envolvendo-se ativamente no percurso de seu próprio desenvolvimento (Bandura et al., 2008).

A oferta de práticas desportivas acessíveis também propicia oportunidades de escolha e condições para as pessoas com deficiência influenciarem outros âmbitos do seu convívio social, como previsto nas políticas públicas de acessibilidade e de inclusão. A possibilidade de prática de paradesporto permite a inserção desses indivíduos no meio esportivo

(competitivo, recreativo e/ou de lazer) no papel de agentes ativos. Além disso, a representatividade que os praticantes (paratletas ou não) promovem pode operar como modelo de comportamento para as pessoas com deficiência, contribuindo para um processo de modelagem que desperte maior interesse pela prática paradesportiva.

O EA pode contribuir para a saúde física, para a saúde mental e para uma maior qualidade de vida das pessoas com deficiência, pois possibilita a oportunidade de participação social e maior visibilidade desses indivíduos. Sabe-se que o trabalho psicológico no contexto esportivo tem se mostrado de bastante relevância nessa direção, com diferentes frentes de intervenção. Por outro lado, na literatura científica, são poucos os estudos que abordam a percepção que os psicólogos do esporte possuem sobre sua atuação, em especial no contexto do paradesporto e no trabalho com pessoas com deficiência.

A PEE no Brasil ainda é uma área emergente, em constante crescimento e com um vasto campo a ser explorado. É muito recente a atenção dada aos estudos sobre deficiência e ao esporte paralímpico e adaptado. Tal panorama explica o reduzido número de pesquisas acerca do esporte e da atividade física adaptada dentro da PEE no país (Silva et al., 2013; Teixeira & Lins, 2018). Ainda são necessários mais estudos que busquem compreender os processos envolvidos na prática da psicologia nesse campo de atuação, nas vivências dos profissionais perante as demandas de sua atuação e a sua relação com os fundamentos teóricos que norteiam esse trabalho.

Portanto, tendo em vista esse cenário, este estudo tem por objetivo investigar sobre a prática do psicólogo do esporte no campo do EA para pessoas com deficiência e como a prática do profissional da psicologia pode ser desenvolvida nesse contexto. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, uma vez que possibilita uma análise mais aprofundada acerca de um fenômeno e suas particularidades, em função de sua abordagem de natureza mais compreensiva e interpretativa (Creswell, 2010).

Métodos

Amostra

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de estudo de caso único (Creswell, 2010; Yin, 2010). O estudo de caso único permite conhecer um fenômeno pouco explorado de forma aprofundada, considerando as condições contextuais do caso, e com uma postura reflexiva e questionadora durante todo o processo de pesquisa.

A seleção do(a) participante considerou os seguintes critérios: (1) no mínimo cinco anos de atuação no campo da PEE; (2) experiência profissional no contexto do EA para pessoas com deficiência. Com base em contatos realizados com profissionais da área, a pessoa que aceitou participar da pesquisa cumpriu com os critérios estabelecidos. Para proteger sua identidade, a pessoa será referida, deste ponto em diante no texto, como "o participante" ou "o entrevistado".

O entrevistado possui curso superior em psicologia há mais de 15 anos, bem como especializações, aperfeiçoamentos e/ou atualizações em dinâmica de grupo, administração esportiva e coaching. Atuou na XXXI Olimpíada e XV Paralimpíada no Rio de Janeiro em 2016. No momento da coleta de dados, acumulava aproximadamente dez anos de atuação no campo da PEE, com experiência com atletas com deficiência, incluindo atletas paralímpicos no contexto de alto rendimento; prestava serviços a uma federação esportiva; e trabalhava em um clube esportivo de grande porte já há cerca de uma década. Este clube oferece, pela PEE, acompanhamento, individual ou em grupo, de treinos e de competições para atletas de alto rendimento

Instrumentos

Foram elaborados especialmente para esta pesquisa um questionário sociodemográfico breve e um roteiro semiestruturado de entrevista. O roteiro buscou investigar: (1) a inserção do psicólogo do esporte no paradesporto/EA, contemplando seu contato inicial com a área de atuação, trajetória profissional e abordagem teórica; (2) como o trabalho no paradesporto é desenvolvido pelo(a) entrevistado(a), considerando a possibilidade de adaptações nas intervenções e sua experiência e conhecimentos em relação à temática da deficiência.

Procedimentos

Um dos procedimentos de coleta de dados mais utilizados em estudos de caso único é a entrevista. Com este procedimento, há amplo espaço para a formulação de novas perguntas durante o processo de coleta (Yin, 2010), em virtude da fluidez permitida pelo roteiro semiestruturado. O trabalho foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da universidade (Parecer número [OMITIDO PARA SUBMISSÃO ANÔNIMA DO MANUSCRITO]).

Análise de Dados

A entrevista foi realizada em data, horário e local escolhidos pelo participante. O convite foi para uma entrevista individual, mas foi opção do participante ter a companhia de alguns de seus estudantes, o que, apesar de inesperado pela entrevistadora, não afetou a condução da entrevista nem sua posterior análise. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue em duas vias impressas iguais, lido, esclarecidas as dúvidas do participante, que assinou ambas, mantendo uma consigo e entregando a outra para a entrevistadora. A entrevista foi gravada em áudio e posteriormente transcrita.

A transcrição da entrevista foi submetida à análise qualitativa de conteúdos com base na técnica de análise categorial temática de Bardin (2011). Conteúdos semelhantes em sentido foram agrupados em categorias criadas a partir da literatura, estruturadas em subcategorias geradas pela análise. As subcategorias detalham os conteúdos que respondem aos objetivos do presente estudo.

Resultados

Quatro categorias organizam os resultados com base na trajetória profissional do entrevistado na PEE e no EA, compreendida como um processo de aprendizagem influenciado por experiências passadas, presentes e expectativas em relação ao futuro (Bandura et al., 2008). Cada categoria está estruturada em subcategorias, conforme consta na Tabela 1.

Tabela 1. Categorias e Subcategorias Resultantes da Análise Categorical Temática

categoria	subcategoria
1. percurso profissional	a) dissociação teórico-prática b) abertura e gama de possibilidades c) trabalho de conquistas
2. crescimento da área	a) potencialidades b) limitações
3. atuação profissional	a) abordagens teóricas e técnicas b) pesquisa, ensino e divulgação da área c) (necessidade de) adaptações d) atualizações e conceitos-chave no esporte adaptado e) satisfação e motivação f) promoção de saúde
4. recomendações e perspectivas	a) interesse e disponibilidade b) perspectivas para a psicologia do esporte

Categoria 1: Percurso Profissional

A categoria **Percurso Profissional** agrega as experiências relacionadas ao contato inicial do participante com a PEE, com o EA e os desdobramentos profissionais nesses contextos. A análise dos conteúdos sobre o percurso profissional gerou três subcategorias: dissociação teórico-prática, abertura e gama de possibilidades, e trabalho de conquistas.

Dissociação teórico-prática. A graduação em psicologia cursada pelo participante não ofereceu disciplina(s) sobre PEE. O seguinte trecho da entrevista ilustra essa questão: "Durante a minha formação: zero. Não teve nada de disciplina, e nem do meu interesse... Eu nem sabia, não tinha esse contato, não tinha isso de que se poderia fazer Psicologia do Esporte".

O contato inicial com a área esportiva foi através do estágio em psicologia escolar, realizado em uma "escolinha" de um clube esportivo. O segundo contato foi após aprovação em uma seleção para psicólogo em outro clube, que também contava com uma escola infantil. A esse respeito, refere:

Quando abriu uma vaga no clube, que tinha uma escola infantil, que também tinha essa mesma proposta: educação e esporte (...). Eu fui chamado(a) para fazer seleção aqui, (...) e entrei no clube para trabalhar na escola infantil, pela minha experiência anterior de psicologia escolar. (...) Então, na verdade, a minha relação com a Psicologia do Esporte começou já trabalhando dentro do clube.

Após o ingresso pela via da psicologia escolar, passou a atuar no clube esportivo também com recursos humanos e com a PEE, esta última um campo desconhecido para o entrevistado: "Que para mim foi assim: o quê que eu vou fazer no esporte?!". A partir disso, passou a buscar conhecimentos para familiarização com a área esportiva: "Fui buscar formação a partir da experiência prática mesmo. Então, a minha história foi ao contrário: em vez de ver a teoria primeiro, eu fui para a prática." Além disso, aproveitou as experiências com grupos e promoção de saúde adquiridas no estágio em psicologia comunitária, destacando-as como relevantes ao trabalho no clube como psicólogo do esporte: "Então, é muito a campo, e tem a ver com a minha experiência anterior de comunitária também, e eu gosto muito disso." Desse modo, suas experiências anteriores contribuíram para a inserção profissional e identificação com a PEE: "Vamos ver o quê que tem para fazer, que eu já gostava de trabalhar com grupo, já tinha essa noção do esporte em função da escola, já estava inserido(a) dentro do clube, já conhecia... E aí fui reconhecendo territórios...". Nesse sentido, pode-se concluir que houve uma resolução da dissociação inicial a partir do momento em que o profissional pôde identificar as semelhanças entre suas experiências prévias enquanto psicólogo em outros campos e àquelas que encontrou no esporte.

Abertura e gama de possibilidades. Refere-se aos aspectos que contribuíram pela permanência na área. As possibilidades com as quais se deparou geraram identificação e encantamento com a PEE: "Acho que é o que me encanta, também, porque tem muita coisa pra ser descoberta, muito para ser feito... 'Ah, pode fazer isso? Pode! Por que não pode? Vamos experimentar!'" Essa postura disponível e aberta à exploração levaram, inclusive, ao contato com o EA, passando a atuar com modalidades paralímpicas. O seguinte trecho ilustra essa atitude do profissional:

Os técnicos (...) faziam trabalho voluntário em outro espaço (...). Tenho uma relação próxima com eles. Em função de atender os outros atletas que já eram do clube, me coloquei à disposição: 'Ah, quando vocês quiserem que eu vá, que eu faça algum trabalho com eles, né, eu posso ir.' E então eufui...

Trabalho de conquistas. Subcategoria que engloba os objetivos alcançados no trabalho. Além disso, representa a conquista de espaço e de reconhecimento da psicologia nas diferentes modalidades esportivas:

Por exemplo, nos Jogos do Rio, eu sempre dizia: 'Ah, eu quero ir para as Olimpíadas', mas eu queria ir para trabalhar como psicólogo(a) do esporte (...). E consegui. Foi bem em cima da hora, tinha que ter uma convocação com alguma Federação (...). Depois, teve uma convocação, também, nas Paralimpíadas (...). Mas é um trabalho de conquistas (...). Vai ser mil maravilhas? Não. A gente tem que conquistar espaço, tem que mostrar que é importante, tem que dizer que é assim que se trabalha. Então é um espaço de conquistas, realmente.

Categoria 2: Crescimento da Área

Esta categoria envolve as percepções do participante sobre o crescimento da PEE no Brasil e da psicologia no contexto do EA. O profissional reconhece que há uma maior atenção à área, o que se relaciona, em certo grau, aos recentes megaeventos esportivos sediados no Brasil. Destaca a importância dos profissionais divulgarem o campo: "Depois de Olimpíada, depois de Copa, o interesse fica maior. Acho que tem um crescimento, acho que a gente, enquanto profissionais, tem que ir galgando, tem que ir mostrando o quanto é importante." A categoria está estruturada em duas subcategorias: potencialidades (tendências), e limitações ou principais impasses para a expansão da área.

Potencialidades. No que se refere a tendências gerais do campo, o entrevistado comenta sobre a possibilidade de promoção de saúde e de bem-estar em contextos além do esportivo, a partir das ferramentas da PEE:

Ou seja, usa as ferramentas da Psicologia do Esporte para outras áreas. (...) Eu já recebi, no consultório, esse negócio de cantar... [menciona o nome de um programa de televisão] (...), para trabalhar habilidades a partir da Psicologia do Esporte (...), que é: controlar a ansiedade, lidar com a frustração, que é o que a gente faz aqui! (...) Falta divulgar isso, que dá para fazer dessa forma: uma via mais saúde.

Sobre o crescimento da psicologia no EA, não identificou tendências ou potenciais específicos para esse contexto: "Não sei te dizer... se tem, se não tem... Eu acho que, quem trabalha, não trabalha específico. Que nem eu: não trabalha específico com o que é adaptado ou não é adaptado. Trabalha com esporte." A partir desta fala, vale considerar que, em lugar de uma especificidade, o entrevistado identifica uma perspectiva de similaridade entre o trabalho no EA e o trabalho no esporte e na Psicologia de modo geral e com outros públicos.

Limitações. No que se refere às limitações para o crescimento da área, destaca a necessidade de maior união entre os profissionais da PEE:

Tem crescido, mas acho que o que falta é a classe se unir. Então, é uma crítica que eu tenho bem... severa, que é: quem tem que competir são os atletas, os profissionais não precisam. Mas eles competem, essa é que é verdade, e não precisaria.

Relata, também, diferentes impasses ao crescimento do EA no Brasil, como a escassez de verbas e de recursos para treinos e a perda de benefícios dos paratletas:

O que tira possibilidades de treinar. Então, assim, eu tenho atleta paralímpico que foi para as Paralimpíadas, voltou e teve que fazer campanha porque ficou sem recurso de treinar! (...) Um absurdo! (...). Por isso que eu digo: eu quero incluir, mas eu não dou acesso a isso, nem físico, nem de possibilidade social. (...). Tem que ter muita motivação, realmente, para permanecer. Tem que usar recursos próprios, tem que usar de outros... outras formas de angariar. Por exemplo, o direito de atleta. Mas porque tem a deficiência e tem o outro benefício, esse perde. Para mim não tem cabimento, né. E que até às Paralimpíadas tinha!"

Categoria 3: Atuação Profissional

Esta categoria organiza os fundamentos teóricos e as técnicas escolhidos pelo entrevistado em sua atuação profissional, direcionada para a promoção de saúde e de bem-estar, sua visão sobre pesquisa, ensino e divulgação da área, a questão da adaptação e termos associados, e atualizações profissionais.

Abordagens teóricas e técnicas. Reúne as orientações teóricas e técnicas que embasam sua atuação. Destaca as terapias cognitivo-comportamentais, a psicologia positiva (em especial, os instrumentos de avaliação), o trabalho com grupos, técnicas de respiração e de relaxamento, e um entendimento em desenvolvimento humano.

O trabalho psicológico é realizado através de atendimentos grupais e individuais. A abordagem de grupos recebe destaque tanto pela afinidade com essas intervenções, como para um melhor acompanhamento do elevado número de atletas no clube. Segundo o entrevistado, é preciso que o profissional da psicologia sempre esteja atento às demandas das equipes:

Se levanta a demanda daquele grupo, daquele momento, daquela equipe. Se é um esporte coletivo, bom, vamos trabalhar questões de integração, de coesão grupal, de vínculos, de relação com a figura do técnico... Também se prepara aspectos da competição. (...)

A psicoeducação também está bastante presente em sua prática profissional, conforme os seguintes trechos da entrevista: "Se faz processo grupal, se faz, também, muita psicoeducação. Então, se trabalha sobre temáticas que eles vão poder utilizar durante o treino, durante a competição e na vida". "As coisas se repetem muito, porque tem que ser psicoeducativo. Então são técnicas psicoeducativas para que eles se apropriem e façam uso disso independente da nossa presença."

Pesquisa, ensino e divulgação da área. Essa subcategoria se relaciona a papéis, identificados em seu relato, que o participante associa ao psicólogo do esporte. Em função da grande demanda por atendimentos, lamenta não possuir tempo para desenvolver pesquisas em sua área, optando por trabalhar exclusivamente no âmbito da intervenção: "Não dá tempo... Gostaria! Então, o quê que acaba acontecendo: quem faz estágio, faz um artigo, alguém sempre pública. E eu acho ótimo!".

Empenha-se na divulgação da PEE, oferecendo cursos, participando de eventos, desempenhando um importante papel no ensino da área: "De novo, por isso que eu faço tanto de... Convida, eu vou, dou palestra, falo, divulgo, né, entrevista, porque... Para divulgar, realmente"; "(...), o que eu tenho feito, também, é dado cursos fora..."

(Necessidade de) Adaptações. Compreende a sua atuação especificamente quando no trabalho com atletas com deficiência e se relaciona à necessidade, ou não, de adaptações em suas intervenções, o que também remete à questão do termo para designar a modalidade (paradesporto ou EA). A esse respeito, refere: "O que se usa no adaptado e não adaptado é a mesma coisa (...). Não tem diferenciação. Não consigo nem imaginar...".

Por outro lado, comenta que a adaptação ocorre por parte do próprio profissional: "Quem tem que se adaptar, somos nós! (...). Acho que isso é a grande questão: se a gente for adaptável, a gente trabalha com tudo e com todos." E completa:

Por exemplo, fazer um relaxamento. Que tu vais dizer: 'pé direito, pé esquerdo...', para ir relaxando. Quando é com os cadeirantes, eles não sentem da cintura para baixo, eu nunca digo. Mas, aí, a gente fez uma prática com um convidado de fora, e tinha todos os atletas do clube. E foi tão interessante! (...) Uma das atletas falou: 'Tão engraçado... Eu nunca senti, mas a minha sensação... Porque eu estava sendo conduzida como se estivesse sentindo esse membro que eu nunca senti'. Ou seja: tudo igual, né? Tudo igual. A intervenção é a mesma, a gente tem que estar... Por exemplo, tem uma foto boa minha (...) atendendo nas Paralimpíadas, estão os dois, cadeira e eu... Por isso que eu disse, eles estão ali, na cadeira, então eu é que tenho que me adaptar. Eu fico na frente, ou sento em uma cadeira com eles... A gente que se adapta para a condição.

O entrevistado também frisa a contribuição da PEE no processo de aceitação a uma nova condição de vida no caso de atletas com uma deficiência adquirida ao longo do desenvolvimento e que se envolvem, ou que já eram envolvidos, com a prática de esportes. Os seguintes trechos ilustram esse entendimento: "E eu trabalhei com ela toda essa adaptação a essa nova condição física. (...) Fazer com que ela aceite essa condição."

(...) Eles tiveram um processo de adaptação a isso e, através do esporte, conseguiram ter motivação e ter vontade de ter outros objetivos na vida. (...). Então, eu vejo que, para o funcionamento daquela pessoa, é diferente; para como tu vais intervir, não.

Nessa direção, refere que as intervenções psicológicas devem considerar as circunstâncias e o momento de vida desses atletas:

A etapa que a gente vai trabalhar com eles... Por exemplo, vai trabalhar com [nome próprio], que é deficiente visual desde sempre, já nasceu com aquela condição e ok. Agora, começa a trabalhar com um que se tornou cadeirante há pouco tempo, está iniciando no esporte, precisa aderir, (...) que teve um acidente e que estava, ainda, em processo de aceitação da sua condição e iniciou no esporte. Então, a nossa intervenção vai ser diferente, com certeza, pelo momento que a pessoa está vivendo.

Perguntado sobre o uso do termo paradesporto, comenta:

Não sei o que eu acho, assim... Eu vejo que (...) na minha convivência com os atletas paralímpicos, eles não têm nenhuma situação em que eles se sintam ou com preconceito ou diferenciados. (...) Porque o esporte, acho que faz isso, e independente de tu ter ou não uma questão física ou mental, (...), ele é uma forma de incluir. Então (...), eu não vi isso como algo que incomodasse de alguma forma.

Quanto ao uso do termo EA, refere: "É uma realidade. Tem que... Se não fosse adaptado, não teria. Então, é um fato: ele é adaptado. Acho que é muito a forma como as pessoas conduzem mesmo, eu não vejo isso como um problema."

Sobre a inserção do psicólogo do esporte no EA:

Tem espaço. Mas tem que se dispor (...). Que é característica da Psicologia do Esporte! Se eu ficar sentada aqui (...) esperando 'ah, sou psicólogo do esporte'... Não: tem que ir a campo. Tem que ir a campo, tem que mostrar que está disponível.

Atualizações e conceitos-chave no Esporte Adaptado. Essa subcategoria abrange os conteúdos sobre acesso a estudos científicos para atualização na PEE e no EA, bem como percepções sobre conceitos-chave relacionados ao EA (inclusão, acessibilidade e deficiência). Sobre o acesso a pesquisas científicas, avalia que:

Tem muita coisa sendo pesquisada, tem muita coisa surgindo. Eu acho que isso que é a grande questão. Por isso que a Psicologia do Esporte vai crescer tanto. (...) Então, é uma das formas de a gente se informar, se atualizar sobre o que está sendo feito, adaptar para a gente fazer também. Então tem que ter acesso sempre.

No tocante a suas percepções sobre o conceito de inclusão, demonstra uma concepção mais ampliada sobre inclusão, associando-a a uma ideia de aceitação e não de julgamento:

O que eu entendo por inclusão? Eu acho que (...) é uma aceitação incondicional. Um olhar sem julgamento (...). Acho que a psicologia tem que ter isso: uma aceitação, um olhar sem julgamento... Porque a gente faz isso! É humano! A gente está ouvindo e já querendo 'ah, mas claro, deve ser isso e...'. Então, esse é um exercício: tu não julgar e aceitar.

Sobre a acessibilidade, reconhece a necessidade crescente de se tratar o assunto, pois entende que o processo de inclusão está relacionado à promoção de acessibilidade: *Acho que é uma realidade, que é uma necessidade e eu acho que, cada vez mais, a gente tem que falar nisso, realmente, para que os espaços se tornem acessíveis. Porque, se não, não há inclusão! (...) Acho que acessibilidade está relacionada a isso: se eu aceito, se eu entendo que eu quero receber, eu tenho que criar condições para isso.*

Sobre o conceito de deficiência, entende que "é uma condição como outras. É uma condição. Assim como eu tenho a minha, há outras. (...) Então, entendo como uma condição de vida."

Satisfação e motivação. Essa subcategoria trata da satisfação com a profissão e motivação para mantê-la, demonstrando que o entrevistado se identifica com a psicologia no contexto esportivo. Destaca que, para a atuação nesse campo, é necessário interesse e disposição:

Eu vou dizer que, assim, é apaixonante o trabalho! Independente de se ter ou não ter... Por isso que a pessoa tem que gostar, tem que se identificar, tem que querer, porque... É que o trabalho, ele libera, também, endorfina, todas as 'inas', como se a gente estivesse praticando atividade física, porque é... É envolvente! E daí se tu não te identificar, não vai rolar... Porque tu tens que estar, aí tu vai de pé descalço, aí vai na borda, e coloca chinelo... (...) Entra na quadra... Tu está sempre a um milhão!

Promoção de saúde. Por fim, essa subcategoria representa o propósito final do trabalho desenvolvido, isto é, a promoção de saúde e de bem-estar dos atletas. Para tanto, é necessário que o profissional da psicologia desenvolva um trabalho interdisciplinar qualificado, tanto com o corpo técnico, como com a equipe de saúde do clube:

E com a outra equipe, com os demais profissionais da equipe de saúde, nutricionista, fisioterapeuta, medicina, é para, realmente, ter um trabalho... oideal, interdisciplinar, em que a gente possa pensar, em conjunto, sobre aquela pessoa, discutir, e promover a saúde dela. Essa é a forma como eu acredito, que idealizo.

Categoria 4: Recomendações e Perspectivas

Esta categoria contempla recomendações para a inserção da psicologia no contexto esportivo, bem como perspectivas de ampliação da PEE para fortalecê-la e aproximá-la de outros campos de atuação do psicólogo na promoção de saúde. Está estruturada em interesse e disponibilidade, e em perspectivas para a PEE.

Interesse e disponibilidade. Profissionais e estudantes de psicologia, que possuam interesse pelo trabalho no contexto esportivo, precisam de uma postura aberta e disponível:

O profissional tem que ir atrás, tem que se mostrar disponível. (...) As pessoas precisam ver, reconhecer que aquele trabalho é importante, e aí aderir. É fato. Não tenho nenhuma dúvida. (...) Eu acho que, para crescer, a gente, enquanto profissional que se interessa, tem que ir a campo. Tem que ir atrás! Sentado numa sala esperando que cheguem, não vão chegar. Se a gente não permanecer na sala é que eles chegam.

Perspectivas para a PEE. Essa subcategoria se refere à necessidade crescente de exploração das diferentes possibilidades de aplicação da PE, relacionadas, de certa forma, à tendência da ampliação do uso de suas ferramentas em outros contextos para além do esportivo:

Acho que a população está carente de promover saúde... (...) E as ferramentas da Psicologia do Esporte, elas trazem uma riqueza de possibilidades, de desenvolver habilidades, de ver, de adaptar, realmente, para que as pessoas, entre aspas, sobrevivam a esse mundo, que exige uma alta performance. (...) Tu não precisas ser atleta para ser exigido. Então, eu penso, realmente, em ampliar esse trabalho.

Apresentados os resultados da análise sobre os conteúdos das transcrições da entrevista, passa-se à interpretação dos mesmos. As (sub)categorias serão interpretadas com base na teoria sociocognitiva de Bandura e na literatura científica disponível sobre a PEE e sobre a psicologia no EA.

Discussão

O principal objetivo deste estudo foi investigar a prática do psicólogo do esporte no campo do EA para pessoas com deficiência e como essa prática pode ser desenvolvida nesse contexto. Foi possível examinar em que medida os resultados da análise qualitativa se distinguem ou ampliam os fornecidos por estudos da literatura. Os resultados foram organizados em quatro categorias: Percurso profissional; Crescimento da área; Atuação profissional; e Expectativas. Essas categorias foram estruturadas em 13 subcategorias geradas a partir dos conteúdos da entrevista.

O percurso profissional do participante é marcado por experiências positivas de estágio, afinidade com grupos e foco na promoção de saúde e desenvolvimento de habilidades. Suas motivações se atrelam ao senso de autoeficácia (Bandura, et al., 2008) ao demonstrar que confia no próprio trabalho. A identificação e o encantamento com o campo, bem como a postura aberta e receptiva, resultam em conquistas profissionais e reconhecimento do próprio trabalho, mediante convocações para Olimpíadas e Paralimpíadas, gerando gratificações pela atuação profissional. Apesar da dissociação teórico-prática na formação acadêmica ao admitir que a relação com a PEE iniciou apenas quando ingressou no clube, suas experiências mais gerais com estágios curriculares contribuíram significativamente para a posterior inserção no campo.

De acordo com Rubio (2000), a PEE, na década de 1990, era rara na grade curricular dos cursos de psicologia. Ainda hoje, são raras as instituições de ensino superior que oferecem a disciplina de PEE como eletiva, enquanto outras não possuem docentes qualificados para lecionar nesse tema. Além disso, referem que os cursos de psicologia do Brasil focalizam, principalmente, carreiras voltadas ao campo estritamente clínico/psicopatológico (Queiroz et al., 2016). Entretanto, mesmo que a dissociação teoria-prática tenha sido associada pelo participante à ausência de disciplinas específicas de PEE no curso de graduação, seu percurso formativo possibilitou o contato com temas relevantes para o desenvolvimento de sua prática profissional no clube esportivo em que veio a ingressar.

A realização recente de dois grandes eventos esportivos no Brasil (copa mundial de futebol masculino e Olimpíadas) direcionou as atenções para o país e para o campo da PEE brasileiro (Queiroz et al., 2016).

O participante reconhece o potencial para um crescimento significativo dessa especialidade no Brasil, com a necessidade de maior investimento na divulgação da área. No entanto, para que o campo efetivamente se fortaleça e se desenvolva, Queirozet al. (2016) avaliam que a PEE brasileira necessita de uma organização nacional unificada e forte, indicado pelo participante pela necessidade de maior união dos profissionais de sua área.

O crescimento da psicologia no campo do EA para pessoas com deficiência foi atrelado ao crescimento da área da PEE como um todo. As limitações mencionadas pelo participante se referem à escassez de verbas destinadas ao desenvolvimento do esporte paralímpico e à perda de benefícios dos paratletas, corroborando estudos que identificaram barreiras e facilitadores à prática de atividades físicas pelas pessoas com deficiência (Andrade, 2015; Côté-Leclerc et al., 2017; Jung et al., 2017; Marmeleira et al., 2018; Seron et al., 2015). As diferentes modalidades desportivas para as pessoas com deficiência são contextos de desenvolvimento e de inclusão social, uma vez que podem proporcionar benefícios individuais e sociais, contribuindo para a qualidade de vida dos praticantes (Barrozo et al., 2012; Côté-Leclerc et al., 2017; OMS, 2011; Pancotto, 2016; Silva et al., 2013).

Os achados de Côté-Leclerc et al. (2017) demonstraram que a prática paradesportiva pode oferecer benefícios pessoais, sociais e ambientais. Na mesma direção, Bandura postulou que o desenvolvimento humano ocorre pela constante interação entre fatores pessoais, comportamentais e ambientais (Bandura et al., 2008). Unindo a teoria às evidências recentes, entende-se que, em relação à prática de paradesporto: (a) no tocante aos fatores pessoais (p. ex., crenças de autoeficácia) os benefícios operam no desenvolvimento de habilidades comportamentais e de maior autocuidado; (b) no que se refere à participação social (ou seja, em que interações indivíduo-sociedade promovem modelagem), os benefícios encontram-se no estabelecimento e fortalecimento de relacionamento com pares; e (c) em relação aos fatores ambientais, são de grande influência as convenções e o contexto cultural. Assim, compreende-se, a partir de Bandura, que os indivíduos são influenciados e influenciam o ambiente, envolvendo-se ativamente em seu desenvolvimento. Isso está associado às mudanças de percepção e de atitudes da sociedade em relação às pessoas com deficiência, promovendo uma sensação de apoio por parte do meio social. Os benefícios destacados estão relacionados ao exercício da agência humana (Bandura et al., 2008), contribuindo para a melhoria da independência e, consequentemente, da percepção de qualidade de vida (Côté-Leclerc et al., 2017).

O participante relatou a carência de investimentos nos benefícios governamentais para as pessoas com deficiência, que asseguram suporte financeiro àqueles que não possuem alguma outra fonte de renda, como Benefício de Prestação Continuada, aposentadoria por invalidez ou auxílio doença. Ao estudar o curso de vida de atletas paralímpicos brasileiros, Haiachi (2017) comenta que "com a criação do Programa Bolsa Atleta em 2006, muitos atletas se beneficiaram e passaram a se dedicar ao esporte e a representar o país em competições nacionais e internacionais" (p. 73). No entanto, ainda

segundo Haiachi (2017), aqueles que se beneficiam do Bolsa Atleta podem ter outros benefícios suspensos, o que gera inseguranças aos atletas que desejam investir no seu desenvolvimento esportivo em modalidades ainda pouco valorizadas no Brasil. A falta de investimentos e a perda de recursos para treinar, fatores ambientais fundamentais, podem influenciar outros fatores pessoais desses paratletas (que já possuem restrições físicas), como as crenças de autoeficácia. Todas essas questões devem ser consideradas no trabalho nesse contexto (Cogan & Petrie, 2011; Silva et al., 2013). Sabe-se que a promoção de inclusão e de acessibilidade é necessária para o desenvolvimento de autonomia e maior independência das pessoas com deficiência, para que sejam agentes ativos nos mais diversos contextos. Em seu relato, o participante aponta a necessidade de elevada motivação por parte desses atletas, uma vez que o ambiente não se mostra favorável ao seu desenvolvimento, não apenas no esporte, mas em diferentes âmbitos sociais. Sobre a atuação profissional no campo da PEE, a diversidade de abordagens na prática do participante reflete o que muitos autores sustentam sobre o campo comportar diferentes orientações teóricas da psicologia (Andersen, 2011; Rubio, 2000; Weinberg & Gould, 2017), não sendo possível descrever qual é a base teórico-prática específica de um psicólogo do esporte (Andersen, 2011). Nesse sentido, o que se destaca como principal recomendação presente na literatura da área, e como bem colocado pelo participante, é a necessidade de o psicólogo do esporte estar atento às demandas do contexto, atuando de forma complementar ao trabalho de treinadores e preparadores físicos, os quais, segundo Andersen (2011), são os peritos. Além disso, constatou-se que o participante busca aplicar e divulgar os conhecimentos em PEE (Samulski, 2009; Vieira, Vissoci, Oliveira & Vieira., 2010; Weinberg & Gould, 2017), bem como se atualizar e adaptar sua prática com diferentes contribuições de estudos da área, em constante processo de aprendizagem vicária (Bandura et al., 2008).

Com respeito às contribuições para o desenvolvimento psicossocial dos atletas, as práticas psicoeducativas são fundamentais, pois possibilitam que os atletas usufruam das ferramentas da PEE independentemente da presença do psicólogo. Dessa forma, promove-se o que Bandura chama de autorregulação: um processo consciente e voluntário, que possibilita a gerência das próprias ações, voltado para metas pessoais (Polydoro & Azzi, 2009). O trabalho psicoeducativo oferece ferramentas para o desenvolvimento desses processos, desempenhando um importante papel no exercício da agência humana (Bandura et al., 2008). Isso tem se mostrado relevante não apenas no contexto do esporte, mas em diferentes âmbitos de vida das pessoas com deficiência, como referido pelo participante.

O participante não identifica diferenças em suas intervenções com atletas com deficiência, seja esta física, visual, etc., apesar de referir algumas especificidades. No caso de atletas com deficiência adquirida ao longo do desenvolvimento, o processo de adaptação a esta nova condição de vida é pertinente e necessário para a promoção de maior bem-estar na prática do esporte. Silva et al. (2013) destacam a importância de se conhecer a origem da deficiência antes da intervenção, o que foi salientado pelo participante em seu depoimento.

Para Hanrahan (2015), p. ex., o trabalho em PEE com atletas com deficiência visual se beneficia com a técnica de visualização, em que o atleta ativa processos cognitivos através da simulação de resultados e desempenhos. Essa técnica comumente é conduzida de olhos fechados para promover maior concentração e, portanto, requer descobrir outros mecanismos de concentração, uma vez que o ato de fechar os olhos não produz os mesmos efeitos como em pessoas videntes (i.e., sem deficiência visual). Segundo a autora, são questões que devem ser abertamente conversadas e contratadas com o atleta.

O entrevistado, ao mencionar a prática de relaxamento com cadeirantes, relatou os efeitos positivos e interessantes dessa técnica sobre um(a) paratleta inserido em um grupo de atletas sem deficiência física. A este respeito Hanrahan (2015) sugere que fique sempre à escolha do(a) atleta optar pela inclusão de membros que não sente ou membros amputados, questões que devem ser contratadas com cada atleta. Portanto, de modo geral, são necessárias adaptações mínimas e singulares nos programas de treinamento de habilidades psicológicas para atletas com deficiência, em sua maioria alterações nas estratégias de comunicação com essas pessoas (Hanrahan, 2015). De fato, o participante deste estudo destacou, em diferentes momentos da entrevista, que o psicólogo deve se adaptar às condições de trabalho.

Quando tratado sobre sua percepção acerca do uso dos termos paradesporto e EA, o entrevistado não referiu qualquer restrição. No que diz respeito aos conceitos relacionados à temática da deficiência, o participante salienta o aspecto individual da inclusão, no momento em que a entende como um exercício pessoal de “não julgar e aceitar” (sic), remetendo à quebra de barreiras atitudinais, como estigmas e preconceitos, aproximando-se da ideia de acessibilidade atitudinal. Por outro lado, poderia ter destacado o processo de inclusão associado a um funcionamento social mais amplo, no que diz respeito promoção de políticas de acessibilidade e inclusão, por exemplo. Além disso, verifica-se a ideia de inclusão associada a um exercício a ser praticado em relação a todas as pessoas, com e sem deficiência, não demonstrando, portanto, referência à Lei de Inclusão 13.146.

Com relação ao entendimento sobre o conceito de acessibilidade, o profissional o relacionou à noção de transposição de barreiras físicas ou arquitetônicas e que ambientes acessíveis são necessários para que efetivamente se promova a inclusão. Apesar de reconhecer que a promoção de acessibilidade concerne a todos, não refere a acessibilidade atitudinal. Não basta que os ambientes sejam fisicamente acessíveis: também é necessário que a pessoa com deficiência possa participar ativamente de convívio social (Ponte & Silva, 2015).

O entendimento do conceito de deficiência do entrevistado assemelhou-se, em certo grau, aos pressupostos do modelo social da deficiência, entendendo-a como um modo de existência (Bampi et al., 2010; Gesser et al., 2012). Ainda assim é uma compreensão atrelada a uma concepção individualizada, no sentido de uma condição de vida de um indivíduo específico. Poderia contemplar os desdobramentos sociais associados à experiência da deficiência ou as discussões recentes que servem de base para o desenvolvimento das políticas públicas de inclusão e acessibilidade.

Em suma, é possível verificar, em sua prática profissional, o foco no desenvolvimento psicossocial e na promoção de saúde em sua atuação com atletas (sem ou com deficiência). Em momento algum do depoimento o participante admitiu como meta principal ou final de sua prática profissional a melhora do desempenho dos atletas em questão.

Portanto, a partir de um trabalho com base no diálogo interdisciplinar, o psicólogo demonstra como propósito principal de sua atuação a promoção da saúde de todos os envolvidos. Nesse sentido, o participante recomenda um maior fortalecimento da área da PEE no âmbito da promoção de saúde, para além do âmbito da melhora da performance, o que conversa, de certo modo, com a abordagem da Psicologia Positiva (utilizada pelo participante). Dessa forma, propõe-se o desenvolvimento de potencialidades e a promoção de saúde a partir das ferramentas da PEE, inclusive em contextos que vão além do esportivo. Por fim, outra recomendação feita pelo participante é que estudantes e profissionais que se interessam pelo campo desenvolvam uma postura ativa e disponível em seu trabalho, no papel de agentes ativos que influenciam seu meio, a fim de fazer da PEE cada vez mais valorizada pela população em geral, e, conseqüentemente, mais fortalecida.

Considerações finais

A utilização de uma metodologia qualitativa contribuiu para a compreensão da prática do profissional da psicologia no EA, tendo em vista que, na literatura nacional, ainda são escassos os estudos que integram a temática da deficiência no âmbito da PEE. Tal cenário aponta para a discussão teórico-prática nessa área, em especial no que se refere ao desenvolvimento de instrumentos que investiguem essas questões. O roteiro de entrevista semiestruturada utilizado neste estudo, criado a partir da revisão de diferentes pesquisas e documentos, permitiu conhecer a prática e a trajetória profissional do participante de forma mais aprofundada. Além disso, a estruturação da entrevista a partir de aspectos relacionados ao passado, presente e futuro permitiu compreender o percurso profissional do entrevistado de forma mais exploratória.

Há limitações no presente estudo que devem ser comentadas. Por se tratar de um estudo de caso único, os resultados observados e o relato em si, por definição, não são generalizáveis e se referem à experiência do profissional entrevistado. Ainda que o entrevistado uma experiência considerada longa e que justifica a escolha do participante, seu relato reflete vivências e pontos de vida que podem ser diferentes a outros indivíduos da mesma área e/ou tempo de atuação. Cumpre assinalar que os dados obtidos com o presente estudo referem-se a um clube esportivo com ótimas condições de infraestrutura e de pessoal. Dessa forma, recomenda-se, para futuros estudos similares, a participação de psicólogos do esporte de diferentes locais, tornando possível analisar as múltiplas experiências e perspectivas dentro de um campo que tem se mostrado tão diverso. Seria interessante investigar essa temática em programas de universidades ou em projetos sociais, por exemplo. Do mesmo modo, também é relevante o desenvolvimento de pesquisas que investiguem a percepção dos atletas com deficiência a respeito do trabalho da psicologia nesse contexto, como forma de consolidação desses temas enquanto um importante campo de pesquisa e intervenção. É fundamental que o campo da PEE trate a temática da deficiência e do EA, colaborando para o crescimento e desenvolvimento dessas modalidades no Brasil.

Referências

- Andersen, M. (2011). Aspectos abrangentes da psicologia do esporte. In J. Van Raalte & B. Brewer (Eds.), *Psicologia do Esporte* (2ª ed.) (pp. 13-23). São Paulo: Santos.
- Andrade, A., Almeida, M., Andrade, D., & Monteiro, C. (2014). Análise documental das políticas públicas de incentivo às práticas físico-esportivas para pessoas com deficiência no Brasil: Perspectivas para as Paralimpíadas Rio2016. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 4(1), 106-127.
- Andrade, L. (2015). Níveis de atividade física e barreiras e facilitadores para sua prática entre adolescentes surdos e ouvintes. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG.
- Bampi, L., Guilhem, D., & Alves, E. (2010). Modelo social: Uma nova abordagem para o tema deficiência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(4), 816-823.
- Bandura, A., Azzi, R., & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva: Conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo (edição revista e ampliada)* (L. Reto & A. Pinheiro, trads.). São Paulo: Edições 70.
- Barrozo, A., Hara, A., Vianna, D., Oliveira, J., Houry, L., Silva, P. et al. (2012). Acessibilidade ao esporte, cultura e lazer para pessoas com deficiência. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 12(2), 16-28.
- Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH-PR), Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) (2012). *Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com deficiência*. Brasília: SDH-PR/SNPD.
- Cogan, K., & Petrie, T. (2011). Diversidade no esporte. In J. Van Raalte & B. Brewer (Eds.), *Psicologia do Esporte* (2ª ed) (pp. 417-436). São Paulo: Santos.
- Côté-Leclerc, F., Duchesne, G., Bolduc, P., Gélinas-Lafrenière, A., Santerre, C., Desrosiers, J. et al. (2017). How does playing adapted sports affect quality of life of people with mobility limitations? Results from a mixed-method sequential explanatory study. *Health and Quality of Life Outcomes*, 15, 22.
- Creswell, J. (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Ferrans, C.E., & Powers, M. J. (2007). L'indice de qualité de vie: Développement et propriétés psychométriques [Quality of Life Index: Development and psychometric properties]. *Rech Soins Infirm*, 1(88), 32-7.
- França, T. (2013). Modelo Social da Deficiência: Uma ferramenta sociológica para a emancipação social. *Lutas Sociais*, 17(31), 59-73.
- Gesser, M., Nuernberg, A., & Toneli, M. (2012). A contribuição do modelo social da deficiência à psicologia social. *Psicologia e Sociedade*, 24(3), 557-566.
- Haiachi, M. (2017). O curso de vida dos atletas com deficiência: A deficiência e o esporte como eventos marcantes. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Hanrahan, S. (2007). Athletes with disabilities. In G. Tenenbaum & R. Eklund (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (3rd ed.) (pp. 845-858). Hoboken, NJ: Wiley & Sons.

Hanrahan, S. (2015). Psychological skills training for athletes with disabilities. *Australian Psychologist*, 50, 102-105.

Jung, L., Kalinoski, A., & Marques, A. (2017). Barreiras e facilitadores para a atividade física em pessoas com déficit intelectual. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, 22(4), 362-372.

Kiuppis, F. (2018). Inclusion in sport: Disability and participation. *Sport in Society*, 21(1), 4-21.

Marmeleira, J., Fernandes, J., Ribeiro, N., Teixeira, J., & Gutierrez, P. (2018). Barreiras para a prática de atividade física em pessoas com deficiência visual. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 40(2), 197-204.

Martin, J. (2005). Sport psychology consulting with athletes with disabilities. *Sport & Exercise Psychology Review*, 1(2), 32-29.

Oliveira, A., Gonçalves, A., & Seabra, M. (2017). Badminton e esporte adaptado para pessoas com deficiência: Revisão sistemática da literatura. *Revista da Sobama*, 18(1), 93-108.

Organização das Nações Unidas (ONU) (2018). Realization of the sustainable development goals by, for and with persons with disabilities: UN flagship report on disability and development 2018. United Nations Department of Economic and Social Affairs, New York. Disponível em <https://www.un.org/development/desa/disabilities/wp-content/uploads/sites/15/2018/12/UN-Flagship-Report-Disability.pdf>

Organização Mundial da Saúde (OMS) (2011). Relatório mundial sobre a deficiência/ World Health Organization, The World Bank; (Lexicus Serviços Lingüísticos, trad.). São Paulo.

Pancotto, H. (2016). O esporte nas políticas públicas de inclusão social para pessoas com deficiência, no Brasil. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP.

Polydoro, S., & Azzi, R. (2009). Autorregulação da aprendizagem na perspectiva da teoria sociocognitiva: Introduzindo modelos de investigação e intervenção. *Psicologia da Educação*, 29, 75-94.

Ponte, A., & Silva, L. (2015). A acessibilidade atitudinal e a percepção das pessoas com e sem deficiência. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 23(2), 261-271.

Queiroz, F., Fogaça, J., Hanrahan, S., & Zizzi, S. (2016). Sport psychology in Brazil: Reflections on the past, present, and future of the field. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 14(2), 168-185.

Rubio, K. (2000). *Encontros e desencontros: Descobrimos a psicologia do esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Samulski, D. (2009). *Psicologia do esporte: Conceitos e novas perspectivas* (2ª ed.). Barueri: Manole.

Samulski, D., & Noce, F. (2002). Perfil psicológico de atletas paraolímpicos brasileiros. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 8(4), 157-166.

Sehn, A. (2018). Inclusão de bebês com deficiência na creche: Desafios para os pais, as educadoras e os bebês. Projeto de tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

Seron, B., Arruda, G., & Greguol, M. (2015). Facilitadores e barreiras percebidas para a prática de atividade física por pessoas com deficiência motora. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 7(3), 214-221.

Silva, A., Marques, R., Pena, L., Molchansky, S., Borges, M., Campos, L. et al. (2013). Esporte adaptado: Abordagens sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27(4), 679-687.

Teixeira, A., & Lins, S. (2018). Evaluando variables psicosociales y la identidad social de atletas paralímpicos brasileños. *Liberabit*, 24(1), 45-60.

Vieira, L., Vissoci, J., Oliveira, L., & Vieira, J. (2010). Psicologia do esporte: Uma área emergente da psicologia. *Psicologia em estudo*, 15(2), 391-399.

Weinberg, R., & Gould, D. (2017). Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício (6ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Yin, R. (2010). Estudo de caso: Planejamento e métodos (4ª ed). Porto Alegre: Bookman.

Sobre o autor

Mikael Almeida Corrêa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Betina Vidal Damasceno

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Luciana Karine de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Cleonice Alves Bosa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Mikael Almeida Corrêa

R. Ramiro Barcelos, 2600 - Santa Cecília, Porto Alegre - RS, CEP 90035-003

TELEFONE

(51) 3308-5066

E-MAIL

mikael.correa@ufrgs.br